

Uma abordagem historiográfica da obra do escritor paraibano Allyrio M. Wanderley

Naeuda de Araújo Wanderley¹
Naelza de Araujo Wanderley²
Kiarelly Cícero Martins da Nóbrega³
Noélia Oliveira Brito³

Resumo - Partindo do pressuposto historiográfico, analisou-se a obra de Allyrio M. Wanderley na forma de um estudo crítico. Assim sendo, o principal objetivo deste trabalho é discutir, com base na obra *As bases do separatismo*, as tramas que permeavam os bastidores da História do Brasil, abordadas pelo referido escritor, utilizando-se a Historiografia como suporte teórico para uma análise crítica das posturas assumidas pelo autor de *As bases do separatismo* e de seus condicionamentos históricos. O presente trabalho foi desenvolvido a partir de duas formas de pesquisa: a pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental nos arquivos da Fundação Ernani Sátiro; do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Patoense) e da Academia Patoense de Artes e Letras.

Palavras- chave: Brasil, Separatismo, História, Historiografia

Abstract - Leaving of the presupposition historiographer, the work of Allyrio M. Wanderley was analyzed in the form of a critical study. Like this being, the principal objective of this work is to discuss, with base in the work *The bases of the separatism*, the plots that permeated the back stages of the History of Brazil, approached by the referred writer, being used the Historiography as theoretical support for a critical analysis of the postures assumed by the author of *The bases of the separatism* and of your historical conditionings. The present work was developed starting from two research forms: the bibliographical research and a documental research in the files of the Fundação Ernani Sátiro; of IHGP (Historical Institute and Geographical Patoense) and of the Academia Patoense of Arts and Letters.

Keywords - Brazil, Separatism, History, Historiography

¹ Professora do Curso de História das Faculdades Integradas de Patos; Especialista em História do Brasil. Email: naeudawanderley@ig.com.br .

² Professora da Unidade de Engenharia Florestal – CSTR – UFCG; Doutora em Letras. Email: naelzanobrega@ig.com.br

³ Alunos do 6º período do Curso de História das Faculdades Integradas de Patos. kiarelly.martins@hotmail.com; noelia@instbrancadeneve.com.br

Introdução

Estabelecer critérios para o entendimento dos significados da História elaborada pelas sociedades, através das obras produzidas pelos seus interlocutores, que são os historiadores / literatas de seus respectivos tempos, tem sido uma metodologia abraçada pela ciência histórica denominada de Historiografia. Assim, não cabe a esta ciência uma reflexão sobre os fatos históricos, enquanto conjunto factual da vida humana, mas a uma análise sobre a história-conhecimento, ou seja, analisar, de forma epistêmica, o processo que originou o conhecimento reflexivo sobre a produção histórico-literária, sem desmembrar desta os condicionamentos gerais da sociedade que circunda autores e obras que são também históricos e estabelecem a conexão entre autor-obra-meio. Esta é primordial para a ultrapassagem de uma condição individual para a condição coletiva que tem como pano de fundo a própria sociedade, equivalendo, assim, no dizer de Lucien Goldmann⁴: “que o embasamento ontológico da História é a relação do homem com os outros homens”. É nessa perspectiva teórica que este artigo analisou a obra⁵ do escritor patoense Allyrio Meira Wanderley, como embasamento para uma nova abordagem historiográfica da produção do referido escritor. Uma pesquisa histórica, nesse âmbito, reflete a seguinte complexidade: estudar a chamada cultura histórica através de análises de discursos carregados de significações que, na maioria das vezes, são atribuídas pelos próprios sujeitos desses discursos.

A principal motivação para o presente estudo surgiu de uma leitura de parte da obra do escritor patoense / paraibano, intitulada *As bases do separatismo*, publicada no ano de 1935. Essa obra tem como temática a tese do separatismo brasileiro. Objetivou-se, essencialmente, investigar o contexto da produção do discurso contido na obra do escritor patoense Allyrio M. Wanderley à luz dos novos paradigmas historiográficos.

A historiografia lida com aspectos muito complexos: as práticas dos sujeitos, suas significações e a realidade objetiva. Compreender o limite entre os significados e a realidade objetiva tem sido a missão da Historiografia. Partindo desse pressuposto historiográfico, analisou-se a obra de Allyrio M. Wanderley na forma de um estudo crítico dentro de uma

⁴ GOLDMANN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

⁵ Entenda-se aqui como obra do referido escritor, principalmente, o texto de *As bases do separatismo*, além de parte de sua produção enquanto romancista comentada de forma superficial no presente artigo, uma vez que este é apenas parte de um projeto maior acerca da produção do escritor patoense Allyrio M. Wanderley.

perspectiva teórica historiográfica. Para tanto, fez-se necessário um conhecimento prévio sobre o autor, a obra e sua importância no cenário local e paraibano, fato que justifica o desenvolvimento desse estudo a partir de duas formas de pesquisa: a pesquisa bibliográfica, inicialmente, e a pesquisa documental.

Metodologia

Os princípios metodológicos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho obedeceram aos seguintes critérios e etapas relacionados ao levantamento bibliográfico:

- Levantamento teórico;
- Leitura comparativa do *corpus* literário;
- Produção de relatórios e de artigo científico;
- Construção do texto final.

Em conformidade com o modelo teórico abordado, essa pesquisa se constitui como qualitativa, já que se apóia numa reflexão, estudo e descrição dos mais diversos aspectos que caracterizam as obras tomadas como objeto de investigação.

Resultados e discussão

Allyrio, um estudo historiográfico

Estabelecer critérios para o entendimento dos significados e ressignificados atribuídos pelos historiadores aos seus objetos de pesquisa nos seus tempos históricos tem sido o grande desafio dos interlocutores da História.

O conhecimento histórico, limitado apenas aos contextos políticos e econômicos, perpetua sistemas dogmáticos ideológicos não reveladores de conflitos humanos (inerentes só ao humano) e suprime a formação discursiva da História, afastando a Ciência Histórica de conhecimentos como o mundo de expressões da Literatura, esta sendo entendida enquanto construção humana e prática discursiva elaborada pelo homem; produzida através de interações com outros homens que revelam, através desta, suas identidades e subjetividades num determinado tempo histórico e lugar social. É nas subjetividades humanas que se encontra o seu maior campo de expressão, pois através delas está expresso tudo que não pode ser revelado socialmente. Assim, a Literatura e as artes, de forma generalizada, tornam-se fontes valiosíssimas para a Ciência da História que assume uma postura crítica e mergulha no universo humano em todas as suas formas de expressão.

A Pós - Modernidade trouxe à História a libertação de uma pretensa objetividade científica tão arduamente defendida por paradigmas anteriores. Assim, o novo Historicismo proposto por Stephen Greenblatt defende que a Literatura seja abraçada como campo de pesquisa para a História e para sua ciência, a Historiografia, que, sob esse prisma, passa a ser conceituada como uma área em que são permitidas abordagens de campos e conceitos não interessantes a uma História dita “tradicional”. Ao conceituar a Historiografia, M. Finley coloca-a primordialmente como uma pesquisa crítica e libertária, quando afirma:

(...) Por historiografia entendo uma pesquisa crítica, sistemática de alguma parte ou aspecto do passado, crítica não só no sentido de avaliação crítica da evidência como também no sentido mais amplo de um exame racional e consciencioso de determinado assunto, suas dimensões e implicações, libertando-nos tanto quanto possível da aceitação automática de opiniões, abordagens e hábitos de pensamentos herdados. (1989, p. 51)

Ao próprio historiador, enquanto ser social, produto de um contexto, devem-se fazer questionamentos que o tirem desse mundo superficial que os leigos chamam de *História imparcial*, libertando-o de estigmas positivistas. A História não é uma sequência narrativa, é uma percepção, uma visão de mundo carregada dos significados atribuídos pelo seu interlocutor. Sobre a historiografia é pertinente lembrar que o historiador, ao olhar o passado, perante as fontes de que dispõe, busca decifrá-lo, sem se limitar ao seu *metié* e possibilitando uma abrangente discussão entre campos de estudo. Sobre uma operação historiográfica e suas práticas, Michel de Certeau propõe que o próprio Historiador repense o fazer História.

O que fabrica o historiador quando "faz história"? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas. (2007, p.65)

Entender também as práticas humanas como uma produção reveladora do que se refere a valores, subjetividades, crenças, idéias, enfim, percepções de mundo imbuídas em obras produzidas, que se tornam reveladoras das mentalidades sociais, é a grande missão do historiador, só comprometida, segundo Marc Bloch, “quando cada projetor pretende ser o único a ver tudo”. (1976, p. 131).

O processo dialético realizado na Historiografia procura buscar, na relação autor – obra – meio, a História não dita, não escrita e não proferida, a percepção dos silêncios, das lacunas das ideologias presentes nas obras que são o resultado de sua formação social. Depende da atitude do historiador o entendimento do autor no seu contexto social, já que as questões a que ele respondeu em sua obra são as inquietações de seu tempo histórico. Esta é,

segundo Michel de Certeau, uma atitude de historiador e fazer o elo entre idéias e lugares, ou seja, e entre obras literárias/históricas e as sociedades torna-se um objetivo para o historiador que quer conhecer o imaginário coletivo, bem como os discursos sociais produzidos historicamente, dos quais os homens não conseguem desvincular-se em suas expressões literárias. Ainda conforme Michel de Certeau,

Estes discursos não são corpos flutuantes em um englobante que se chamaria a história (o "contexto"!); São históricos porque ligados a operações e definidos por funcionamentos. Também não se pode compreender o que dizem independentemente da prática de que resultam. (2007, p. 32)

As questões que envolvem o imaginário social, as análises discursivas, as mentalidades e a oralidade como campo de pesquisa constituem um terreno pouco explorado pela pesquisa histórica científica, que, ainda em grande parte, é influenciada pelas idéias de objetividade da Ciência.

Existe sempre um pano de fundo nas obras produzidas e é esse pano de fundo que é interessante resgatar através de análises dos textos literários. Nesse contexto, buscar nas obras o conhecimento sobre as sociedades tem sido uma metodologia abraçada pela ciência histórica denominada de Historiografia. Assim, ao utilizar-se desta *ciência*, o historiador busca, não um estudo dos fatos, mas um estudo sobre a produção do conhecimento denominado de histórico, que nada mais é do que as produções literárias/históricas intuindo entendê-las como permeadas pelo conjunto social da vida humana, ou seja, o objetivo torna-se analisar, de forma epistêmica, o processo que originou a representação que os autores fazem de suas respectivas sociedades, que são produtos de seus *lugares sociais*.

Nessa perspectiva, torna-se essencial o conhecimento acerca da vida do autor para um melhor desvendamento de posturas e ideologias e das representações do social apresentadas em suas obras. Ainda assim, não se busca, apenas, no presente estudo a escrita de uma biografia de Allyrio Meira Wanderley, pois o que ora se apresenta sobre a vida desse escritor é baseado na oralidade e na pouca biografia que periódicos e autores locais têm de sua controvertida vida. Sabe-se que ele produziu uma obra considerada, na sua maioria, como literária e a usou como canal de veiculação de suas críticas sociais mordazes, assim, utiliza-se da literatura e do seu não compromisso com a *verdade (realidade)* para expressar talvez *verdades* que não pudessem ser expressas de forma aberta pelo discurso histórico, uma vez que o compromisso com o *fazer* História (conhecimento) o faria criticar de forma aberta as dominações e convenções sociais.

Assim, torna-se mais confortável, no discurso literário e na construção de personagens,

supostamente imaginários, fazer críticas à realidade social de seu tempo. Quando não se utilizou das metáforas e do discurso literário, Allyrio produziu uma das obras mais polêmicas e perturbadoras da ordem social vigente no Brasil dos anos 30: *As Bases do Separatismo*. Com essa produção, o autor deixa de lado a prudente postura literária que vinha mantendo em suas obras e aborda questões de suposto interesse da História. Allyrio aventura-se por caminhos que não permitem a utilização de um discurso mascarado pelas metáforas e adentra os largos campos da História e da Sociologia. Nas páginas dessa obra, defende abertamente o ideal separatista no Brasil.

Em 1935, Allyrio M. Wanderley constrói, em seu livro “*As bases do separatismo*” uma teoria crítica para a formação do “Estado brasileiro” que, segundo o autor, fora “forjado” na História do Brasil de forma arbitrária. Sua teoria aponta como desfecho o fim da unidade territorial brasileira construída sob o prego das não revoluções no Brasil e da liderança das elites no processo de formação do “mito” Brasileiro. Quando abandona a Literatura, o autor mostra-se consciente de que está deixando de lado “a prudência” e, já nas páginas iniciais da obra, quando apresenta a “these” de seu livro, ele expõe: “Os fructos da prudência não foram feitos para todos os paladares.” (1935, p.10) Passa então a discorrer, nas páginas da citada obra, uma espécie de julgamento do Brasil, da Nação e de suas elites, segundo ele, as grandes responsáveis pela “farsa” chamada Brasil, fato perceptível através da afirmação: “Eu sou um expectador e todo expectador é um juiz.” (1935, p.06). Enquanto “juiz” da História da formação do “Brasil”, se propõe à análise histórica do Brasil.

Como romancista, principalmente, é paraibano, os personagens de suas obras referem-se a personagens facilmente identificáveis com os tipos e cenários locais. O autor de *As bases do separatismo* escreveu também uma controvertida obra na qual se destacam *Carneiros cinzentos*, *Os brutos*, *Sol criminoso* e *Bolsos vazios*. É comumente alcunhado de *o Louco ou o louro do Jabre* pela mordacidade de suas palavras veiculadas em uma sociedade de ideias interioranas. Assim sendo, a discussão das inovações que propunham rupturas nas continuidades coloniais, ainda presentes em meados do século XX, tornava-se praticamente um eco desarticulado com os interesses vigentes no Brasil.

As poucas informações existentes acerca da vida do autor revelam-se repletas de controvérsias. Fala-se em um autodidata, que teria visitado, inclusive, grandes centros culturais como a França; de um bem sucedido tradutor de clássicos como Dostoiewski, Tolstoi, entre outros; de um poliglota que trabalhou em diversos jornais da região Sudeste. O certo é que, pela falta de um biógrafo oficial, esses mitos ou verdades têm se perpetuado nas mentes dos patoenses que, baseados em textos identificados pelos leitores locais como

autobiográficos, elaboram suas idéias acerca da personalidade do polêmico autor.

Segundo os relatos locais, Allyrio nasceu filho de Francisco Olídio Monteiro Wanderley e Ignácia Maria Meira Wanderley, na Fazenda Campo Comprido, em 22 de outubro de 1906. Iniciando definitivamente a carreira de escritor em 1931, Allyrio escreveu o seu primeiro livro, que foi publicado pela Editora Cultura, denominado *Sol criminoso*, escrito nas dependências da casa do seu avô, o Capitão Roldão Meira de Vasconcelos. Os incertos dados biográficos que chegaram à contemporaneidade são interessantes quando fazem referência ao lugar de destaque alcançado por Allyrio na Literatura Paraibana, pois chegou a tornar-se patrono da cadeira 37 na Academia Paraibana de Letras. O objetivo de Allyrio era o de alcançar a notoriedade nos grandes centros do Brasil, então, achando-se encolhido no sertão, decide ir para São Paulo, onde se tornou jornalista, crítico literário e tradutor de grandes obras, segundo narram os admiradores locais.

Na obra *As bases do separatismo*, em que se dedica a uma análise sócio-histórica da formação e da unidade nacional brasileira, ele se faz paulista. São Paulo, para onde autor se mudou em 1924, torna-o um crítico ferrenho da unidade brasileira. Foi membro da Associação Paulista de Imprensa, escreveu para vários jornais em São Paulo e, quando publicou *As bases do separatismo*, o Brasil acabara de passar pela chamada Revolução de 1930. O perigo da fragmentação territorial voltara a assombrar as elites brasileiras. As ideias separatistas assombravam o Brasil desde os seus primórdios, uma vez que a separação territorial fora combatida arduamente dentro dos processos históricos de formação do Estado brasileiro. No livro de Allyrio, essas idéias caíram como uma bomba em meio a uma sociedade conservadora da unidade. O então Presidente da República Brasileira, Getúlio Vargas, tomara medidas para a contenção do ideal separatista evitando a exaltação de quaisquer símbolos ou hinos que não fossem os da Federação. Os exemplares da obra de Allyrio foram apreendidos. Perseguido pelo governo de Getúlio Vargas, voltou a Patos indo se refugiar na mesma fazenda onde nasceu e de onde se avistava o Pico do Jabre. Eis aí a origem da alcunha O Lou(co)ro do Jabre.

Dono de idéias revolucionárias e contraditórias, Allyrio tornou-se o principal escritor Patoense e um dos mais respeitados na Paraíba. Seu papel na Literatura e a significação de sua obra, idéias e conceitos e sua contribuição histórica podem ser avaliados em *As bases do separatismo*, sua mais polêmica obra.

As bases do separatismo: a obra

As bases do separatismo se iniciam com uma descrição do grande mal estar vivido por quarenta milhões de brasileiros, vítimas de um grande “engano chamado Brasil.” A obra narra a miséria em que se encontrava a população; os tumultos abafados; os motins que se alastravam e que, possivelmente, se degenerariam em guerra civil; a subversão da ordem jurídica e a brutalidade com que o governo sufocava a população insurreta. Critica a constante necessidade de Constituições para a manutenção da ordem, pois nada resolveriam, apenas arrastavam a população brasileira a um sofrimento desnecessário em nome da manutenção do “mito”.

Qual seria a causa de todo o sofrimento do povo brasileiro? Allyrio responde a essa questão recorrendo ao Padre Feijó, que, durante o período regencial, sufocado pelas revoltas separatistas regenciais, falou sobre a ingovernabilidade do Brasil. Segundo Allyrio, durante a história do Brasil, usou-se constantemente “a tática do avestruz”. O autor então se propõe a denunciar as razões do sofrimento pelo qual o Brasil estava passando em sua obra. E começa a partir daí a construir o embasamento teórico de sua tese: o Brasil está destinado à separação. Aponta ainda o patriotismo como coisa vergonhosa, sanguinária e responsável pela desmoralização e corrupção da História.

Cabe aqui questionar como o patriotismo poderia corromper a História, se este é filho do discurso histórico? O conceito de patriotismo é histórico, sofreu mutações que são constantemente reinterpretadas. Explicando as origens de Pátria e de Patriotismo, Marilena Chauí descreve as transformações e origem da palavra pátria e como esta varia no tempo. Pátria e patriotismo, segundo a autora, são invenções históricas, são discursos mutáveis e adaptados aos seus contextos.

Antes da invenção histórica da nação, como algo político ou Estado-nação, os termos políticos empregados eram "povo" (a que já nos referimos) e "pátria". Esta palavra também deriva de um vocábulo latino, pater, pai. Não se trata, porém, do pai como genitor de seus filhos — neste caso, usava-se genitor — mas de uma figura jurídica, definida pelo antigo direito romano (..) Pai se refere, portanto, ao poder patriarcal e pátria é o que pertence ao pai e está sob seu poder. (2004, p.15)

O patriotismo, nesse caso, é discurso e é através dele que se constrói o “amor” ao *pater*. A História não é corrompida pelo patriotismo, ela o constrói.

No capítulo dedicado à formação das nacionalidades, Allyrio recorre a outro conceito/discurso histórico para explicar as origens das nacionalidades. O autor afirma que a elite, por saber ler e escrever, portanto dominante na construção de discursos veiculados no Brasil, utiliza-se de estratégias como *a rethórica balofa*, *a pieguice cívica*, *a continuidade territorial*, *a comunhão cultural* como meios para justificar a construção de uma nação, o

Brasil. Allyrio, analisando a formação das nações, cita, como exemplo, a Europa e conclui que, se continuidade territorial justificasse uma nação, a Europa seria uma nação única e o Japão um emaranhado de nações. Ridiculariza também os conceitos de raça e de cultura como elementos formadores de uma nação.

Na ânsia pelo ideal separatista, Allyrio submete raça, cultura e continuidade territorial a condições mesológicas e a vontade de viver em comum. Questiona se existe realmente no Brasil uma comunidade de interesses entre as cinco diferentes zonas do Brasil, ele mesmo responde que “não” e conclui que “nada nos une e tudo nos separa” (1935, p.14).

No terceiro capítulo, Allyrio apresenta a Lei da Scissiparidade e constata que “quando uma nação nasce, começa a morrer”. Seguindo a lei imutável da biologia, “o nascimento é o primeiro passo para a morte” (1935, p.17). Todas as nações estariam subordinadas à lei biológica de desmembramento celular e ao “gérmen da desagregação”. O autor compara organismos biológicos a organismos históricos e propõe que se faça um estudo biológico das nações. Considerando que toda célula sofre o processo do desmembramento para dar origem a novas células, faz, a partir dessa premissa, uma analogia entre História e Biologia, referenciando o fenômeno “sociológico” do desmembramento das nações e afirma que, se o desmembramento celular dá origem à vida, com as nações, não seria diferente. Se a divisão celular proporciona o rejuvenescimento, com as nações esse processo sobrevém da secessão do equilíbrio entre elas, uma tornar-se-ia nociva às outras, sendo necessária a renovação advinda do desmembramento destas. Segundo o autor,

Se a célula não se scinde, entra em decrepitude e morre; se a nação não se desmembra ganha-a sorte igual. Ora, a Biologia e a História mostram que ambas preferem à aniquilação a sobrevivência e, assim, sabe-se qual caminho que seguem nessa áspera bifurcação de destinos. (1935, p.18)

Ainda no terceiro capítulo, Allyrio narra como Roma se desmembrou dando origem à Espanha e como a Espanha deu origem a Portugal, que, por sua vez, deu origem ao Brasil. Em sua análise “Biossociológica” ele questiona: “Parará no Brasil a caminhada?” E responde com autoridade: “não!”. “Por que haveria de estancar em nós, os chamados abusivamente brasileiros, a natureza e a história? (...) as leis que regulam, através dos milênios e dos continentes, o movimento dos povos? (1935, p.20)

A História não tem leis, conforme sugere o autor, é uma ciência social e, como qualquer outra ciência social, não foram estabelecidas leis para a mesma. A postura do autor, em relação à História, denota pouca maturidade conceitual na construção da analogia sugerida. O desmembramento é aplicável apenas na Biologia. Se a teoria de Allyrio se

tornasse lei, então o Brasil originaria cinco estados, como pretendia o autor. Esses cinco estados originariam diversos outros que dariam origem a uma infinidade de outros, e o processo se repetiria até a exaustão. Não se teria mais Estados ou unidades territoriais.

Seguindo no intuito de provar que o Brasil estaria fadado à separação, Allyrio o compara à América Espanhola, citando-a como o exemplo que deveria ser seguido. Analisa o país como uma estranha associação entre um “parasita e hospedadores”, que teria originado a “monstruosidade” chamada Brasil. “Por que manter a monstruosidade biológica e geográfica?” Questiona.

O Brasil e a América Espanhola são assemelhados a cavalos que se encaminham para a mesma meta, o primeiro com uma ligeira vantagem sobre o segundo, que chegaria em breve. O que o autor transparece é que aí reside a solução para todos os problemas vivenciados “pelas populações” encontradas no Brasil. Ora, se a separação fosse a solução, a América espanhola, que seguiu o caminho apontado pelo autor, não enfrentaria os problemas econômicos, políticos e sociais que residem em suas estruturas. Nas “leis” da História, não existe nada que determine que todas as sociedades caminhem em um mesmo ritmo ou trilha. Há que se respeitar os tempos históricos e as diversidades sociais de cada povo.

Nos capítulos seguintes, Allyrio traça uma história do Brasil em oposição ao ideal do IHGB do século XIX, formador do discurso de um Estado Brasileiro que se apoiou em um passado comum para costurar a colcha de retalhos chamada Brasil. Como no século XIX, o discurso histórico foi o responsável pela unidade e pela formação da “nação”, Allyrio percorre o caminho reverso e constrói uma História da separação do Brasil. Nesse momento do texto, equivoca-se teoricamente, abordando a tese feudal no Brasil, o que demonstra um conhecimento superficial do sistema de capitânicas. As Capitânicas não foram feudais, qualquer que seja o ângulo de análise, sócio/econômico, político/jurídico, torna-se equivocado, pois não se encontra instituído um feudalismo no Brasil, como fora defendido pelo autor e por outros contemporâneos seus, o que permite perceber, em suas análises, novamente, pouco domínio e inadequação conceitual em relação aos aspectos conceituais da História.

A obra em questão se propõe a uma análise sociológica do Brasil, mas constrói uma tradicional e “rebelde” História política do Brasil, abordando velhos temas políticos e econômicos, revirando o passado brasileiro para a comprovação de sua tese. Em sua obra não faz uma análise sociológica, como afirma na página de abertura de seu livro; pouco trata dos problemas sociais, enfoca os problemas da pobreza e da fome, apontando como solução apenas a separação. A única solução apontada pelo autor possibilitaria a resolução de todos os problemas brasileiros, caso o “país” se fragmentasse territorialmente? Eis a questão.

Allyrio demonstra ter certo conhecimento acerca da História política do Brasil, tendo sido influenciado, talvez, pelas idéias dos intelectuais da época. Contudo, era teoricamente confuso. A tese de feudalismo no Brasil defendida nos capítulos VI e IX e as críticas às elites relevam traços marxistas. Entretanto, na equivocada análise feita das Capitânicas é perceptível a não maturidade dos conceitos marxistas. A busca pela sua verdade o fez levantar a bandeira da História, mesmo apresentando em seu texto pouco embasamento conceitual acerca do papel desta nos processos de formação dos povos. A História não foi manipulada pelos discursos das elites, ela é o próprio discurso. É através da História que se inventa uma nação e não geograficamente, conforme quer Allyrio.

Nos capítulos seguintes, o autor faz uma visita ao passado colonial brasileiro e enumera os pontos em que separava historicamente o Brasil. Na formação do passado colonial, segundo Allyrio, não teria surgido a brasilidade e sim brasilidades. O autor demonstra, em seu texto, como surgiram tipos distintos no Brasil, cada um com uma singularidade regional determinada pelos aspectos geográficos. Na busca pela diferenciação de tipos brasileiros, analisa os movimentos chamados nativistas e constata: eram movimentos locais, isolados, sem características de unidade. Allyrio compara regionalmente os brasileiros buscando especificações que os diferenciem, exigindo que, nos séculos analisados por ele, o Brasil já apresentasse a obrigatoriedade da constituição de uma nação. Uma nação não se formaria da noite para o dia, principalmente em dimensões continentais. Esse processo seria secular, tornando-se impossível o surgimento de uma nação nos primeiros séculos de formação de um povo mestiço e herdeiro de concepções culturais heterogêneas vindas de todas as partes o mundo.

No nono capítulo, critica o colonialismo que assentou no poder as elites e foram coniventes com a manutenção da farsa da unidade brasileira por beneficiar-se desta. Ele descreve a manutenção da “farsa” que ignora os indícios separatistas já expressos nas rebeliões locais; Mascates, Beckmam, Conjuração Mineira, Emboabas e Revolta de Vila Rica. Estas seriam, na análise de Allyrio, indícios de separatismo. Ora, só existiria separatismo se existisse unidade. As etapas do separatismo, segundo Allyrio, caminhavam a passos miúdos. Segue em sua análise e afirma que, em 1808, a chegada da família real ao Brasil retardou, embora por pouco tempo, a marcha separatista, admitindo que a chegada da Corte e a agremiação que se deu em torno desta “teria sido uma das vigorosas contribuições para a prorrogação da unidade de estufa.” (1935, p.58).

No caminho teórico percorrido pelo autor, não existe “brasilidade”. É evidente que ele não poderia encontrar uma identidade que sugerisse o sentimento comum de nação no Brasil

dos séculos XVI e XVII. Como buscar por algo que ainda não existia? A brasilidade não poderia ser encontrada nos séculos analisados pelo autor porque ela estava em processo de formação. As capitânicas não se articulavam em torno de centro algum. O fator de agremiação dessas capitânicas só foi encontrado no século XIX, quando se deu a ruptura em relação à Metrópole. O autor busca brasilidade dentro de capitânicas portuguesas, a metrópole era o centro agremiador, não havia em território brasileiro nenhum eixo de unidade. Apenas no século XIX, com o surgimento do IHGB, que, através do discurso histórico, unificou o passado e inicia o processo de construção da brasilidade que é, antes de qualquer coisa, uma construção discursiva. José Carlos Reis, analisando uma identidade nacional conclui:

Vejo a identidade nacional, aqui, não como uma essência atemporal, nem apenas como uma invenção estratégica do Estado, mas como uma comunidade imaginada, um "ambiente cultural", um "espírito nacional", que se narraria e se inventaria nas historiografias e literaturas, na mídia, na cultura popular, nas artes, na tradição, nas narrativas míticas da origem. O discurso da cultura nacional construiria imaginariamente uma identidade comum, ligando o passado ao futuro, lembrando as glórias passadas e buscando a modernidade. (2006, p.16)

A procura por uma brasilidade que acontece pela comprovação de uma unidade “fictícia” seria tão ingênua quanto a busca de brasilidade nos primeiros séculos de formação. Sabe-se dos entraves históricos advindos do tipo de colonização implantada no Brasil. Não havia aqui um elo de agremiação em torno do qual as capitânicas pudessem gravitar a não ser o Estado português. Não existia Brasil é fato, mas não significa que o processo de formação não estivesse em andamento. Dependendo do ponto de vista do analista, as ditas rebeliões locais poderiam ser interpretadas como resquícios de brasilidade em formação, já que destoavam dos ideais metropolitanos. O autor faz um “passeio” pelo Período Regencial, enumerando e analisando os movimentos separatistas, acusa Caxias de ser o “cão fila” da classe que usufruía do mito. O separatismo regencial é fato, porém, da mesma forma que ocorre, ele se reverte com a condução do segundo Imperador ao trono brasileiro e este passa a ser um elemento de poder de agremiação entre as províncias brasileiras. Apenas a partir do governo de Pedro II, teria início, de fato, a formação de uma brasilidade e esta se dá pelo abasileiramento das estruturas, pela construção dos discursos “patrióticos” do IHGB, que foram assimilados pelas províncias e pelo povo, pois um passado comum foi, a partir daí, construído sobre bases portuguesas. Segundo José Carlos Reis:

As culturas nacionais não seriam identidades substancialmente unificadas, mas uma unidade imaginada: as memórias do passado, o desejo de viver em conjunto, a perpetuação de uma herança, a história compartilhada. (...) O grupo constrói discursivamente a própria imagem, inventa-se e passa a conviver com esse "espelho externo" como se fosse a própria essência. (2006, p.16 – 17)

Onde Allyrio enxerga separatismo pode-se observar também unificação, e uma formação da brasilidade que se daria pelo discurso histórico.

Na sua marcha acusa a Guerra do Paraguai e o abolicionismo de terem retardado a marcha da secessão por motivos “sentimentalóides”, que ecoaram por todo o Brasil. Mas aponta divisões na abolição, pois algumas províncias aboliram a escravidão antes mesmo da Princesa Isabel. As consequências da abolição teriam precipitado a República, o que conduz o Brasil de volta ao caminho da secessão. Allyrio afirma que as causas da manutenção do mito da unidade têm se sustentado nos interesses de uma elite que mais se assemelha a um bando e, na “indolência de uma maioria sem capacidade crítica”, “explorada pelo dorso central”, a fragmentação seria a carta de alforria de quarenta milhões de “pobres diabos”. O advento da República reconduziria o Brasil a marcha da secessão e o autor a encara como a primeira vitória do separatismo. Traça um percurso pelo qual o Brasil passaria até o fim do mito, *federação, confederação, separação*.

Após o levantamento das razões históricas e geográficas, aponta discrepâncias econômicas e jurídicas para o separatismo baseadas em números que denotam diferenças econômicas entre as cinco áreas pretendidas por Allyrio. As fontes de consulta não são citadas pelo autor.

No décimo quarto capítulo, intitulado de *A Árvore das Mazelas*, Allyrio compara o Brasil a uma árvore, enumera os frutos dessa árvore, fictícia, e encontra desastres e desequilíbrios, causados por uma desorganização e desarticulação dos que administraram o país ao longo de sua trajetória histórica. Neste capítulo, é feita uma retrospectiva da história das dívidas do Brasil, tanto internas quanto externas, apresentando-as em forma de relatos baseados em números que expressam uma situação de caos pela qual passava o Brasil. O país gastava mais do que arrecadava. “Eis os frutos da árvore das mazellas...” (1935, p.112) Conclui o autor.

A úlcera citada e analisada no décimo quinto capítulo é a estrutura que se cria no Brasil, uma doença que se alimenta dela mesma, criada por uma “casta sacerdotal” que se utiliza de instituições como as escolas e a Igreja Católica para a construção do discurso de unidade que é repassado para a população, aproveitando-se, assim, “da fraqueza, da ignorância e da credulidade das multidões. O Brasil é uma das maiores fraudes da história.” (1935, p.113).

Os partidos políticos são apontados por Allyrio, no capítulo XVI como mortos, sem função, sem atuação, são sanguessugas que estão apenas em busca de interesses próprios. Na

verdade, nenhum partido analisado pelo autor tem um programa de vida atuante, e sim um desejo sem escrúpulos de engordar seus cofres e enfraquecer os bolsos da população. No capítulo seguinte, o autor aponta a Igreja Católica e o Exército como *Soldadinhos de Chumbo* do discurso unitário, segundo sua análise, são pilares inseguros, porque

se os motivos da unidade são as forças armadas e o clericalismo romano, evidentemente a unidade se baseia na opressão e na credice, na carabina e no confessionário e, portanto, não passa do fructo de um conluio entre os quartéis e as sacristias, numa palavra: não passa de uma imundice.(1935, p. 130)

A separação almejada por Allyrio erradicaria também o poder exercido pela Igreja Católica e pelo Exército? As identidades apontadas por Allyrio, certamente, permaneceriam mesmo após o desmembramento do Brasil em estados distintos porque o que une o país não seria, somente, o exército, a Igreja e as elites e sim os discursos assimilados. Dessa forma, mesmo após a secessão, permaneceriam o exército, a Igreja e, provavelmente, elites locais assumiriam o comando dos novos estados. Ou seja, o modelo construído culturalmente no Brasil através da formação das identidades e imbuído nas mentes das pessoas se reproduziria em nível local, pois segundo José Carlos Reis:

A identidade precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que ela não é, e nessa relação com o outro, as identidades são construídas. Uma identidade exclui, cria o exterior. Ela é uma homogeneidade interna, um fechamento. E um ato de poder. As identidades são construídas no interior do jogo do poder e da exclusão. Não são naturais, mas definidas em lutas históricas. (2006, p.12)

Nos capítulos seguintes, Allyrio apenas analisa o que seriam os cinco “estados” resultantes da separação defendida na obra, descrevendo as riquezas naturais e apontando discrepâncias entre estes, portanto, não poderiam coexistir em um mesmo Estado.

No capítulo final da obra, *A conclusão obrigatória*, segundo Allyrio, o enterro é a única saída digna para o Brasil e aqueles que não concordassem com ele ou seriam inconscientes ou teriam interesses econômicos ligados à permanência da unidade brasileira. Encerra a obra com a seguinte premissa: “Abram-se alas, portanto, para que se aproximem os coveiros!” (1935, p.198)

Considerações finais

Allyrio quis produzir uma tese inovadora sobre o Brasil que representasse o fim da agonia vivida por quarenta milhões de pessoas. Sua tese teria a pretensão de narrar os processos históricos de formação do Brasil em um caminho reverso, a desconstrução ou não construção do Brasil era a principal meta de Allyrio. *As bases do Separatismo*, tida por ele

como uma obra sociológica, é uma história sobretudo político-administrativa, repleta de fatos e análises cujo único objetivo era a demonstração de uma construção fictícia da unidade e da nação brasileira. O Brasil era, na concepção de Allyrio, a maior farsa da História, construída pelo Estado Português e pelas elites brasileiras.

Em cada capítulo, uma descrição minuciosa de como o Brasil seria diferente geograficamente, e portanto, em cada área geográfica do país, deveria surgir um estado independente. Allyrio, em *As bases do separatismo*, critica, de forma contundente, os elementos que impediam a secessão. Comparando a História à Biologia, elabora a Lei da scissiparidade da qual o Brasil não poderia fugir.

Alguns admiradores o colocam entre os grandes escritores paraibanos. Na Literatura, Allyrio é sagaz, crítico, brilhante. Mas, ao se aventurar pelos caminhos da História ou Sociologia, parece não dominar aquilo que é essencial a todo aquele que se propõe a trilhar as “arestas” da História: um recorte cronológico e analítico que dê ao escritor o distanciamento necessário para uma análise menos passional. Ao escrever sobre a História do Brasil, Allyrio encontrou no passado apenas o que pretendeu encontrar. Construiu o que achou ser a verdade e a defendeu veementemente. Diferente de outros autores contemporâneos, Allyrio duvida da unidade, faz críticas radicais às elites e aos governos. A verdade que procura não está na repetição dos compêndios históricos, apesar de seu ponto de vista não ser inovador, constrói uma teoria diferente da teoria oficial, apontando como solução para as mazelas do Brasil o separatismo.

Narra a História do Brasil como se esta seguisse, de forma linear, para a secessão, as revoltas, a República, a Federação e por fim para o separatismo. O Brasil estria com os dias contados, prestes a seccionar-se em cinco estados, o que libertaria o povo da opressão. Em sua interpretação, o Brasil é uma farsa construída pelos governantes e ansiava por separação. O que Allyrio desconsiderou foi que o Brasil, como todos os países, é uma construção de identidades, e estas vêm pela assimilação dos discursos históricos produzidos pelas ideologias vigentes. Culturalmente, o Brasil assimilou esses discursos, pois, mesmo havendo a secessão ter-se-ia, nos cinco Estados independentes, a reprodução desses discursos porque as elites locais se apossariam do poder, e as mesmas mazelas seriam continuidades nesses estados.

Referências

BLOCH, Marc. Introdução à História. Portugal: Publicações Europa – América, 1976.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. 2.ed Rio de Janeiro: Forense, 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FINLEY, M. I. O Progresso na Historiografia. In: História Antiga: Testemunhos e modelos. Trad. Valter Leles Siqueira. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

GALLAGHER, Catherine; GREENBLATT, Stephen. A prática do novo historicismo. São Paulo: EDUSC, 2005.

GOLDMANN, Lucien. Ciências humanas e filosofia. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

WANDERLEY, Allyrio Meira. As bases do separatismo. São Paulo: A. Meira, Editor, 1935.

_____. Sol criminoso. São Paulo: Georges Selzoff, 1925.

_____. Bolsos vazios. Curitiba: Editora Guaíra: 1928.

_____. Ranger de dentes. Rio de Janeiro: Leitura, 1945.

_____. Os carneiros cinzentos. João Pessoa: Editora Teone, 1954.

_____. Os Brutos. São Paulo: A. Meira Editor, 1934.